



Anais do V Encontro da Rede de Estudos Agrários

"Fases da agricultura familiar na diversidade do rural brasileiro"

16, 17 e 18 de junho de 2015

Alfenas - MG

QUESTÃO DE GÊNERO NO ESPAÇO RURAL DE ALFENAS/MG: UMA ANÁLISE SOBRE A ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DO BAIRRO MATÃO

172

Letícia Silvério da Silva

Discente

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

sophie.leticia@hotmail.com

Ana Rute do Vale

Docente

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

ana.vale@unifal-mg.edu.br

Resumo

A partir de pressupostos teóricos sobre a temática questão de gênero, percebemos que o papel da mulher no contexto da unidade de produção familiar vem se alterando, embora ainda sejam delegadas a ela funções secundárias no grupo. O trabalho familiar é caracterizado pela realização dos afazeres da propriedade rural pela cooperação da família, em que para as mulheres cabem às tarefas mais leves, como as domésticas, o cuidar dos idosos e das crianças. São elas também que cuidam dos animais de estimação, criação e a alimentação da família. Apesar de tudo, o trabalho feminino é concebido como “ajuda”, pois é considerado fora de sua atribuição própria, que são as atividades domésticas, definidas por todo aquele que tem como objetivo a manutenção da família em seus aspectos globais, tais como limpeza das roupas e da casa, etc. No presente trabalho trataremos da questão de gênero no espaço rural do município de Alfenas, a partir da análise sobre o papel da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais no contexto da unidade de produção familiar do bairro Matão. Para melhor compreender essa realidade, foi necessário realizarmos um resgate da história da formação e implantação do bairro e sua situação atual configuração socioespacial e econômica, de modo a entender o papel das mulheres nesses contextos (antigo e atual). A Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais surgiu em 2009, a partir da iniciativa das mulheres do bairro, junto à EMATER-MG com o propósito de capacitar as mulheres oferecendo cursos de culinária, artesanato, pintura e etc. Seu objetivo é oferecer possibilidades de capacitação e emprego para as jovens, além de prover as mulheres formas de obtenção de renda própria. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, elas seguem lutando pelo empoderamento e visibilidade tanto no contexto da unidade de produção familiar quanto na sociedade.

Na sede do bairro existem equipamentos coletivos como posto de saúde e salão comunitário, além da igreja e dois bares. Merece destaque a Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rural, também sediada nesse local, que foi implantada em 2009 pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG) e na qual são oferecidos cursos de capacitação para as mulheres do bairro, de modo a oferecer-lhes novas alternativas de renda. Esses cursos são basicamente ligados à culinária (doces, compotas com produtos obtidos nas suas unidades de produção familiar), ao artesanato, entre outros, e destinam-se à venda nas cidades da região. Além disso, são promovidas palestras a respeito de temas que interessam à saúde e à vida cotidiana dessas mulheres.

Dessa forma, buscaremos nesse trabalho analisar a questão de gênero no espaço rural do município de Alfenas, a partir da análise sobre o papel da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais no contexto da unidade de produção familiar do bairro Matão. Para melhor compreender essa realidade, foi necessário realizarmos um resgate da história da formação e implantação do bairro e sua situação atual configuração socioespacial e econômica, de modo a entender o papel das mulheres nesses contextos (antigo e atual).

A relevância desse trabalho se deve ao fato de que analisar o papel das mulheres nas unidades de produção familiar situadas no bairro Matão representa dar visibilidade a elas, que vem buscando alternativas para complementar a renda de suas famílias. Esse esforço se reflete na criação e formas de resistência da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais, formada a partir delas. Além, disso, essa pesquisa poderá contribuir para incrementar os estudos sobre a questão de gênero e a agricultura familiar em Minas Gerais, considerando a escassez desses, sobretudo na Geografia.

A metodologia empregada na pesquisa consistiu em levantamento e revisão bibliográfica sobre temas: bairro rural, agricultura familiar, questão de gênero no espaço rural, papel da mulher na agricultura familiar; Coleta de dados secundários junto à Prefeitura Municipal de Alfenas, sindicato de produtores rurais, EMATER, e IBGE; Entrevista com os cinco moradores mais antigos do bairro Matão, para resgate histórico do bairro rural Matão. Aplicação de oito questionários com as mulheres residentes do bairro rural Matão, correspondendo todas membros da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais residentes no bairro; Entrevista com a

presidente da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais, e com a extensionista da EMATER-MG.

A pesquisa foi iniciada em 2012, como Estágio Curricular obrigatório do curso de Geografia, modalidade bacharel na Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL e finalizado em 2014, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Discussão teórica

A agricultura familiar possui como característica principal de acordo com Oliveira (1991, p. 55), a produção camponesa com uso da força de trabalho familiar, que constitui segundo ele o “motor do processo de trabalho na produção camponesa”. As atividades são realizadas pela família em busca da sua reprodução, trabalhando de forma combinada e conjunta entre os membros do grupo social. A agricultura familiar possui como característica a divisão sexual do trabalho, que segundo Brumer (2004) apresenta dois aspectos:

O primeiro é que a unidade familiar de produção caracteriza-se por reunir esforços de todos os membros da família, com vistas ao benefício de todos, havendo uma necessária aproximação entre unidade de produção e unidade de consumo. O segundo é que vivemos em uma sociedade paternalista, e de certo modo machista, em que se atribui ao homem o papel de responsável pelo provimento da família. [...] (BRUMER, 2004, p.212)

As atividades desenvolvidas pelas mulheres inseridas na unidade familiar produtiva são de extrema importância para o desempenho da produção e reprodução familiar, porém, elas tradicionalmente são vista como “ajuda”. Seja desempenhando atividades no lar, o cuidado com os idosos, as crianças, a alimentação, o cuidado com a horta, ou desempenhando atividades diretamente ligadas à produção agrícola da família, tais como seleção de sementes, colheita, cuidado com os animais de estimação, aragem e até mesmo plantio e colheita, ainda a mulher permanece inserida em um papel subordinado e invisível dentro da unidade produtiva.

Na roça, desenvolvem atividades como seleção de sementes, no plantio, na colheita e armazenamento. Na horta, elas são responsáveis por quase todo trabalho, no pomar, e na colocação de água nas plantas, e adubação, já que a colheita é geralmente trabalho masculino. Elas também possuem importância, na alimentação, na oferta de água e na prevenção de doenças em suínos e caprinos. Além disso, o

artesanato é responsabilidade das mulheres juntamente com as filhas, assim como a comercialização desses (SILVA; PORTELLA, 2006).

Apesar de tudo, o trabalho feminino é concebido como “ajuda”, segundo esses autores, pois é considerado fora de sua atribuição própria, que são as atividades domésticas, definidas por todo aquele que tem como objetivo a manutenção da família em seus aspectos globais, tais como limpeza das roupas e da casa, cuidados com as crianças, etc. Para Melo; Sabbato (2009) o trabalho da esposa se torna um trabalho “invisível” e não remunerado. Esses autores também fazem referência à mecanização da produção agropecuária, que promoveu uma intensa migração do campo para a cidade, sobretudo para o sexo feminino.

É nesse sentido que se pode afirmar que o trabalho da mulher, sobretudo na agropecuária, reproduz a invisibilidade que cerca a percepção da sociedade sobre o papel feminino. No caso feminino, esta realidade fica ainda mais dura porque temos um grande contingente trabalhando sem remuneração, isto é, as mulheres trabalham, mas não usufruem a independência que a renda monetária propicia ao trabalhador masculino. (MELO; SABBATO, 2009, p.36)

Essa divisão sexual das tarefas tem origem segundo Brumer; Anjos (2008, p.9) no processo de socialização profissional, em que consiste no aprendizado dos filhos com as atividades da agricultura familiar, ocorrido a partir da infância: “Há diferença entre rapazes e moças as quais geralmente são ‘poupadas’ ou ‘excluídas’ da atividade agrícola principal, sendo-lhes reservadas atividades consideradas como ‘domésticas’

Fica claro, então, que é culturalmente construído dentro do seio familiar, que as atividades desenvolvidas pelas mulheres são “ajuda” tanto por não proverem bem monetário, assim como é culturalmente visto que mulheres são inferiores e subordinadas ao chefe da família, representado pelo marido ou pelo pai. As visões subalternas femininas estão inseridas em uma visão cultural de maior escala, que é a da visão da ideologia patriarcal e machista. “A história da condição da mulher brasileira não foge à regra universal de opressão da população feminina ao longo dos tempos” (TELES, 2011, p.157).

Rossini (2006) destaca que tem havido e em forma crescente, a mulher assumindo a chefia da casa, vinculando-se a atividades fora do lar, deixando as atividades domésticas como secundárias. Nesse sentido, conforme Melo; Sabbato (2009) afirmam que a mulher se distancia muitas vezes do trabalho rural, pela falta de

espaço e oportunidades, já que muito dos trabalhos realizados por elas são para autoconsumo ou não remunerados, fenômeno que ocorre predominantemente na agropecuária. Quando são remuneradas, o valor pago é extremamente inferior aos rendimentos masculinos para uma mesma tarefa. A justificativa segundo os autores deve se ao fato de que: *as mulheres ganham menos por que trabalham menos*.

Na agricultura familiar, além do trabalho na casa, as mulheres participam no trabalho na agricultura e se responsabilizam pelo quintal, onde podem realizar atividades agrícolas (hortas, pequeno roçado para consumo, transformação de alimentos), e o trato dos animais, especialmente aqueles de pequeno porte destinados ao consumo direto da família. Estas atividades não são consideradas como trabalho porque não são contabilizadas em termos monetários. [...] (HEREDIA, 2012, p.128).

Outra questão importante desse universo da agricultura familiar refere-se à questão da terra, patrimônio da família que é atribuída aos filhos no momento de seus casamentos, como parte de sua herança. E seguindo prática costumeira, as mulheres recebem a “sua parte”, que seria uma módica quantia de dinheiro e na forma de enxoval. Sendo assim, a prioridade dada aquele filho que permanecera na terra e trabalhará nela (CARNEIRO, 2001).

Percebe-se claramente o motivo da diferença na partilha da herança, justificado pelo fato que a mulher não ser capacitada a continuar e gerenciar a propriedade e ela vai se casar, ou seja, pertencerá a outro núcleo familiar. Carneiro (2001), afirma que o dote seria então uma compensação as filhas pela sua desistência a herança, porém, no caso de optarem a irem estudar na cidade, perderia o direito a herança, nesse caso ao dote. No entanto, esse movimento migratório da mulher à cidade para estudar ocorreu, de acordo com Carneiro (2001), uma geração mais tarde que o movimento migratório masculino.

Ao considerarmos a realidade da agricultura familiar e o papel das mulheres na unidade de produção familiar, podemos recorrer ao bairro rural como um recorte espacial relevante. Segundo Bombardi (2004), ele corresponde a uma fração do território apropriado por meio de relações sociais não capitalistas. Ele pode ser caracterizado como expressão territorial de um grupo de sítiantes (camponeses), que através do trabalho familiar transforma o meio natural, ou um território anterior, por meio de padrões culturais.

Era o bairro rural um grupo de vizinhança de 'habitat' disperso, mas de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhe pertencer, levando-os a distingui-los dos demais bairros da zona. O 'sentimento de localidade' constituía elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, tanto no espaço geográfico quanto no espaço social [...]. O bairro rural é ao mesmo tempo um tipo de povoamento e um tipo de grupo social antigo e persistente, que atravessou séculos mantendo-se semelhante a si mesmo: não terá persistido até nas zonas de povoamento recente, como padrão clássico de povoamento brasileiro, ao nível dos pequenos empresários agrícolas? (QUEIROZ, 1967: 65 110-111 apud BOMBARDI, 2004, p.284- 285)

Voltando aos velhos tempos

O bairro rural Matão, localizado no município de Alfenas, tem sua origem ligada a famílias tradicionais que, segundo relatos de moradores mais antigos na década de 1960, o bairro possuía cerca de 12 famílias, todas convivendo de forma harmoniosa, a maioria com ligações de parentesco

Segundo os moradores mais antigos entrevistados, as primeiras casas do bairro pertenciam à família Ribeiro, sendo o senhor Ozório Francisco Ribeiro um dos primeiros moradores, idealizador e doador do terreno para a construção da igreja.

Os moradores entrevistados afirmaram que ocorriam festas religiosas, como novenas, festas realizadas pelos próprios moradores, como batizados, casamentos, etc. (Figura 2) Atualmente permanecem somente quatro famílias moradoras desde a formação do bairro, as demais foram para a cidade, e outros já faleceram. “Porque o povo foi indo pra cidade, foi vendendo e foi entrando gente de fora, sabe? Mais da metade é gente de fora” (R.R; 74 anos).



Figura 2: Manifestações religiosas no bairro Matão: missa na Igreja São Geraldo e Folia de Reis (sem data).

Fonte: Arquivo pessoal (Gentil Ribeiro) e trabalho de campo (junho/2013).

Segundo esse morador, a construção da Igreja São Geraldo, localizada na sede do bairro, ocorreu na década de 1960, com ajuda da população através de mutirões. Alguns carregavam os tijolos, feitos na várzea em carros de bois, outros na própria construção. Algumas famílias acolhiam os pedreiros que realizavam os acabamentos da igreja. Percebe-se aqui as relações de vizinhança, solidariedade entre os moradores, características principais de um bairro rural, além também da forte religiosidade.

[...] isso foi há 54 anos, todo sábado, o velho que é tio dela (esposa do entrevistado) ele fazia o mutirão. Que eles faziam tijolo lá em baixo na várzea... Tinha o barro lá que fazia o tijolo... Então precisava trazer pra cá, então o velho fazia o mutirão para trazer os tijolos... Encher o carro e descarregar. (G.R; 79 anos)

Na figura 3 podemos observar a fase da construção dessa igreja, em 1969, e sua configuração atual (2013). Embora ainda tenha sua representatividade na comunidade, não há festividades religiosas como no passado, segundo os moradores. A missa ocorre apenas uma vez no mês e o barracão de festas da igreja está abandonado.



Figura 3: Fotos da igreja São Geraldo na sede do bairro Matão em construção, em 1969, e em 2013.

Fonte: Arquivo pessoal (Gentil Ribeiro) e trabalho de campo (junho/2013).

De acordo com os relatos, as famílias do bairro, antes do alagamento de Furnas, se dedicavam à produção agrícola de subsistência, como milho, feijão, arroz, batatas, verduras e em menor quantidade, a produção de café e toda a produção era de agricultura familiar. Algumas famílias vendiam alimentos no mercado municipal ou na feira livre em Alfenas, tais como batata salsa, verduras, doces, quitandas. Entretanto, de modo geral, toda a agricultura do bairro era destinada para a subsistência. Atualmente, segundo os moradores, só se produz verduras, criam-se galinhas, porcos, e todos os outros alimentos são comprados na cidade. “[...] plantava um pouco de milho e feijão na várzea. Tinha gente que plantava alho, eu plantava batata salsa, fui vendedor de batata salsa por muitos anos. Tinha até uma banca no mercado, só que eu vendi...” (G.R; 79 anos). A pesca também era praticada nessa época, mas apenas como atividade de lazer.

Quando perguntado aos moradores o motivo do abandono da produção agrícola, eles responderam que devido aos avanços tecnológicos, não compensava mais produzir os alimentos, sendo mais fácil comprá-los na cidade. “Hoje ninguém trabalha não... agora não, ninguém trabalha tudo feito por máquina, serviço manual acabou [...]” (G.R; 79 anos). “Hoje eu não planto nada, só crio galinha” (P.F; 76 anos). A maioria dos entrevistados tem na aposentadoria como a renda principal da família. Uma moradora aposentada afirmou ser suficiente para ela e o marido sobreviverem no campo. Aliás, apenas os dois vivem na propriedade porque os filhos migraram para a cidade e os visitam apenas aos finais de semana. Como foi possível observar durante o trabalho de campo, a localização isolada dessa propriedade os coloca em situação vulnerabilidade diante de uma situação de doença, uma vez que estão longe dos vizinhos e sem transporte próprio.

Na divisão dos trabalhos da propriedade, os moradores afirmaram que tudo era feito em família, cada membro realizava uma tarefa. Para as mulheres ficavam geralmente os trabalhos domésticos, mas quando havia necessidade elas também ajudavam, “na roça, na inchada ajudando o marido, na inchada, colhendo café...” (P.F; 76 anos). Um morador explica que o motivo pelo qual o trabalho na roça era dividido entre os membros da família, inclusive as esposas, além do sistema de troca de dias de trabalho de mutirão, muito comum na época, entre os vizinhos do bairro.

Era porque, naquele tempo era muito difícil, tinha que plantar para comer... os cereais não achava, o que sobrava vendia... Nós plantávamos tudo unido, dividia as terras para uns, pros outros. A mulher não, ela trabalhava em casa... Mas quando precisava... Minha mulher mesmo ajudava na roça [...] (P.F, 76 anos).

Constatamos através das entrevistas com os moradores mais antigos, as relações de vizinhança, solidariedade, marcada por relações sociais e econômicas entre os estabelecimentos rurais, com a presença da forte religiosidade como elo entre os moradores. Segundo os moradores, antigamente as relações entre os vizinhos eram mais estreitas e amigáveis, sendo constantes as realizações entre os moradores, de festas religiosas, celebrações, casamentos e etc. Porém, atualmente observa-se certo distanciamento entre eles, grande parte resultado da chegada de habitantes de outros bairros e cidades. As mulheres entrevistadas, afirmaram visitar seus vizinhos raramente e somente as faz em caso de doença ou morte.

Em entrevista com a extensionista da EMATER-MG, foi constatado que a produção agrícola entrou em decadência devido ao fato que os produtores familiares, viam-se incapacitados de acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Perda nas safras e retorno insatisfatórios do capital investido aos produtores representam alguns dos elementos que levaram a abandonar a produção para comercialização. A população atual do bairro compra seus alimentos na área urbana de Alfenas, e a prática da agricultura em seus estabelecimentos está mais diretamente ligada a questões culturais do que propriamente a subsistência familiar ou comercialização.

... e retornando aos dias atuais

O bairro rural Matão contava em 2014 com cerca de 70 famílias, sendo constatada a partir dos questionários aplicados a ocorrência predominante de pequenas propriedades, com uma população representada por moradores mais antigos, que permanecem no campo com o dinheiro da aposentadoria e uma população de jovens que trabalham na cidade ou em outras propriedades, na época da colheita do café. Ressalta-se que, apesar da cafeicultura ser dominante no município de Alfenas, no bairro Matão ela é pouco cultivado. Atualmente essas famílias compram os alimentos na cidade, sendo a produção agrícola restrita ao cultivo de verduras, criação de aves e de alguns bovinos.

Segundo as informações obtidas por meio da aplicação dos questionários com as mulheres membros da Associação Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais, em termos de infraestrutura básica no bairro, elas relataram que a energia elétrica está presente em todas as propriedades. Porém, nas casas localizadas na sede do bairro, as mulheres reclamaram de problemas relacionados à água, já que essa é obtida por bomba d'água, ocorrendo períodos onde o abastecimento não é suficiente para atender à demanda. Esse problema se acentua principalmente em época de veraneio, quando o bairro recebe diversos moradores temporários que alugam as casas nas margens da represa para passar feriados ou férias, que acabam sobrecarregando a capacidade disponível de água para o bairro. A coleta de lixo abrange a todos os moradores do bairro, exceto uma moradora que tem sua propriedade mais afastada que as demais e afirma que tem de eliminar os resíduos orgânicos com a compostagem, e o restante inorgânico através da queima, pois, a coleta não abrange sua propriedade.

A maioria das mulheres entrevistadas (66,6%) afirmou que suas famílias são oriundas do bairro. O restante (44,4%) veio de outros municípios (Alterosa, Lavras, Campo Gerais, São Paulo) ou da área urbana de Alfenas. Dentre os motivos da mudança para o bairro, os que mais apareceram foram à busca por trabalho, aposentadoria, ou o casamento com morador (a) do local.

Na análise do responsável pela propriedade são os idosos aposentados, e os jovens trabalhadores na sede do município, a faixa etária dos moradores variou entre 27 e 68 anos.

Do total das entrevistadas, a minoria (22,2%) arrenda suas terras o que nos permite concluir que a prática da agricultura familiar no bairro é predominante, em que (87,8%) não arrenda suas terras e não foi encontrado dentre os entrevistados propriedades destinadas a grande produção e propriedades com emprego de mão de obra externa (parceiros, empregados permanentes, temporários).

A maioria das propriedades rurais nas quais essas mulheres residem, foi adquirida por meio de herança (66,6%), sendo o restante por meio de compra (44,4%). Neste quesito “herança da terra”, observamos que as famílias que adquiriram as terras dessa forma condizem aos moradores idosos com terras obtidas foram por meio da herança do marido. Nesses casos prevalece a visão que a “mulher não herda terra, porque ela não vai trabalhar nela” ou “ela se casará e fará parte de outra família”. No entanto, foram observados dois casos de moradoras que herdaram terras de forma

igualitária entre os demais herdeiros filhos homens, rompendo com a visão de que o herdeiro deveria ser o filho, pois é ele quem vai continuar a produção e tem capacidade para exercer tal. Nestes casos, temos uma moradora que recebeu sua parte de forma igualitária entre os 10 herdeiros e outra entre 5 herdeiros, em que permanece na terra juntamente com seu marido produzindo.

Nessas propriedades a maior parte da produção agrícola está voltada apenas para o autoconsumo e para o autoconsumo combinado com comercialização (ambos com 44,4%), enquanto as demais são destinadas somente para comercialização. Na tabela 1, caracterizamos as práticas agrícolas de acordo com o tipo de produção, responsável pela produção (Jovem, casal, esposa ou marido) e os tipos de cultivos e criações encontradas.

Tabela 1: Destino da produção agrícola nos estabelecimentos pertencentes às mulheres que participam da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais.

Produção	%	Tipos de cultivos e criação	Responsáveis pela produção
Autoconsumo	44,4%	Hortaliças; Leguminosas; Tubérculos; Ervas medicinal; Aves e suínos.	Casal ou Esposa
Autoconsumo e comercialização	44,4%	Hortaliças; Leguminosas; Grãos; Tubérculos; Bovinos, aves e suínos.	Casal ou Esposa
Comercialização	11,2%	Aves e hortaliças.	Casal
Total	100%		

Fonte: Trabalho de campo (novembro de 2013 a abril de 2014).

No segmento autoconsumo, a produção é totalmente orgânica¹, cuidada em grande maioria pelas mulheres, possuindo a ocorrência do casal também realizando essa atividade. Que justificam tal prática para evitar gastos e por gostarem de cultivar alimentos e criar animais. A produção caracteriza-se por milho, feijão, mandioca, quiabo, couve-flor, chuchu, hortaliças (alface, cebolinha, cheiro-verde, couve), assim

¹ Produção agrícola sem uso de herbicidas, fertilizantes ou qualquer outro tipo de agrotóxicos. Baseada somente com adubação orgânica.

como galinhas e porcos. Observou-se que mesmo sendo a produção destinada para autoconsumo às entrevistadas afirmaram vender na feira-livre em Alfenas ou no bairro Matão os excedentes da produção.

No segmento autoconsumo e comercialização toda a produção também é orgânica, cuidada de forma geral pelo casal, mas com ocorrência também de somente a esposa cuidando da horta e dos animais. Elas afirmaram gostar de tal prática além que ajuda na renda no final do mês. Na criação de animais, aparecem galinhas, gansos, vacas e porcos, para a venda e a produção de hortaliças - alface, couve, cebolinha – milho, mandioca, feijão para autoconsumo, porém as entrevistadas afirmaram que também vendem estes produtos quando ocorrem sobras, na feira livre em Alfenas e no bairro Matão.

Tivemos a ocorrência de apenas uma família com a produção destinada somente a comercialização, em que a criação de galinhas é cuidada pelo casal. E todas as entrevistadas cultivam ervas medicinais, como: erva-cidreira, boldo, hortelã, funcho, arnica, arruda, carqueja e guaco.

Sobre a organização na unidade de produção familiar, observou-se que diferente do referencial teórico, as decisões de produção e controle das rendas são tomadas pelo casal. A mulher possui maior independência e liderança nas atividades frente ao marido, sendo ela muitas vezes quem decide o que produzir. As próprias entrevistadas, afirmaram que essa relação mudou, anteriormente era somente o chefe da família, quem decidia o que produzir e tinha controle sobre a renda.

Em relação à divisão sexual do trabalho, também se observou mudanças. Na agricultura familiar, ocorre a tradicional divisão entre os afazeres entre homens e mulheres, sendo delegados as mulheres as atividades domésticas, horta, cuidado das criações e etc. Aqui, temos ambos realizando as atividades.

Quando questionadas sobre a continuidade do exercício dessas atividades, a maioria das mulheres (77,7%) afirmou que sim, uma vez que pretende continuar morando no bairro, mesmo que seus filhos não trabalhem com a agricultura ou deixem de residir no local. Elas também ressaltaram que a qualidade de vida na área rural é melhor do que da urbana, condizendo à bem estar, saúde, quietude, economia na renda, por gostarem das atividades ligadas a terra e pela paisagem proporcionada pela área rural.

Esse é o caso dos moradores aposentados, cujos filhos já migraram seja para o centro urbano de Alfenas ou para outros municípios. Aqueles que ainda possuem

filhos residindo na propriedade são geralmente crianças ou jovens que ainda não desempenham atividades remuneradas, embora também anseiem pela mudança futuramente. Os que desejam se mudar para área urbana condiz a 22,3%, justificaram como motivos problemas de saúde e dificuldade de locomoção, segundo as entrevistadas.

Os entrevistados afirmaram que acredita que futuramente, o bairro se tornará local para casas de veraneio, fato que já está em progresso e que as atividades agrícolas desenvolvidas pelos moradores tradicionais com o tempo, tenderão a desaparecer, já que a grande parte dos filhos (a) e netos (a) dos atuais proprietários mora na cidade, e não desenvolvem atividades agrícolas no bairro. O bairro rural Matão encontra-se, portanto sustentado por uma população idosa e uma pequena parcela de moradores adultos que permanecem ainda desempenhando atividades agrícolas.

Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais

A formação da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais surgiu, em 2009, a partir da necessidade e interesse apontados pelas moradoras do bairro, em constituir uma associação feminina para ocorrência de cursos que possibilitassem maior autonomia delas, frente à obtenção de renda e melhoria no bem estar social.

As atividades desenvolvidas pela EMATER-MG ocorrem em todas as comunidades rurais do município de Alfenas (12 comunidades no total) atuando por meio de grupos (associação) informais de moradores, de acordo com a demanda e necessidades de cada comunidade. A extensionista ainda afirma que no bairro Matão existia este grupo informal de artesãs, que ensejavam participar do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) ², projeto do Governo Municipal e Estadual que compra alimentos produzidos pelas comunidades rurais que retornava às verbas as associações.

² O PAA foi criado em 2003 e o PNAE em 1955, com o objetivo de adquirir alimentos diretamente dos produtores familiares, assentados da reforma agrária, comunidades indígenas e etc, para colaborar com o enfrentamento do combate a fome e miséria no país e promover o fortalecimento da agricultura familiar. No PAA, os produtos são destinados a entidades da rede socioassistencial, restaurantes populares, bancos de alimentos e etc. E no PNAE os alimentos são destinados as redes municipais de ensino, buscando a geração de uma merenda escolar de qualidade atrelado ao incentivo da produção agrícola familiar. (<http://www.emater.mg.gov.br/>).

De acordo a entrevistada, a EMATER-MG desenvolve diversos trabalhos junto à comunidade rural Matão, tais como: processamento de alimentos, saneamento básico, artesanatos e anteriormente atuava também no Conselho Comunitário que existia no bairro, formado pelos produtores agropecuários, que consistia na capacitação dos produtores por agrônomos capacitados, auxiliando na produção. Ela afirma que com a mecanização agrícola, e a ausência de água e recursos para a construção de um sistema de irrigação, foram os principais fatores da finalização deste sistema produtivo. Ocorreu também no bairro através da EMATER-MG, o Programa Transformar, que consistia na capacitação de jovens no conhecimento de produção agrícola, porém segundo a extensionista os jovens do bairro não se interessaram por tal atividade.

A associação contava em 2014 com 20 mulheres, no entanto somente 10 são participantes ativas, sendo oito moradoras do bairro rural e duas ex-moradoras que migraram para a área urbana de Alfenas. Durante o período de nossas entrevistas (novembro de 2013 a abril de 2014) as integrantes se reuniam semanalmente com a coordenadora dos cursos, na sede da EMATER-MG em Alfenas (figura 7). Até meados de 2012, os cursos eram ministrados no próprio bairro. Todavia, por conta de problemas de saúde da extensionista, que a impediu de se deslocar até o bairro, as mulheres passaram a ter que buscar alternativas de transporte para chegar até a cidade. Esse fato tem dificultado a participação maior delas nos cursos, sobretudo quando chove e o deslocamento fica mais difícil, já que as estradas até a rodovia não são asfaltadas.

De acordo com a extensionista da EMATER MG, os artesanatos confeccionados pelas mulheres da associação podem ser comercializados no Comércio Solidário, espaço no centro da cidade de Alfenas (Centro Vivencial) cedido pela prefeitura e aberto aos artesãos da área rural ou urbana. Outra possibilidade seria a exposição das peças nas feiras de artesanatos que ocorrem na Praça Getúlio Vargas, (centro comercial de Alfenas), realizadas uma vez por semana. No entanto, observou-se que a maioria das peças produzidas pelas mulheres do bairro Matão, não possuem saída comercial e diversas entrevistadas afirmaram que seus artesanatos acabam sendo vendidos aos vizinhos ou familiares. Uma entrevistada relatou que vende suas peças de artesanato na varanda de outra moradia localizada na área urbana de Alfenas.

O projeto desenvolvido pela EMATER-MG corresponde à possibilidade de independência financeira e social das mulheres trabalhadoras rurais do bairro Matão. É o empoderamento da mulher, na busca de desenvolvimento de atividades agrícolas e não agrícolas para auxiliar na renda da família e a produção da visibilidade do papel desempenhado por elas no seio familiar.

As integrantes da associação afirmaram querer principalmente através dos cursos oferecidos pela EMATER-MG, capacitarem futuramente as jovens moradoras do bairro, a modo que elas não necessitem desenvolver atividades urbanas que a geração anterior teve, tais como: lavoura de café, cana de açúcar, laranja, etc. O artesanato e a panificadora significam possibilidades de emprego e possível permanência das jovens no bairro. Porém, como já mencionado anteriormente, não foi observada a ocorrência de jovens nos cursos de artesanatos proporcionados para a associação, são geralmente mulheres casadas ou viúvas que participam das atividades.

Até o período em que foi realizada essa pesquisa (outubro de 2014) as atividades da associação ainda restringiam-se na confecção de artesanatos, como a pintura de panos de pratos e bordados, e a construção da panificadora ainda não haviam iniciado. Apesar de ainda não se encontrar em plena realização de seus objetivos, a associação representa uma conquista importante às moradoras do bairro, pois é fruto da iniciativa coletiva das mulheres rurais do bairro Matão.

Mesmo não recebendo uma renda fixa e representativa com a venda dos artesanatos, as mulheres da associação sentem-se orgulhosas de seus produtos. O valor social é bem mais representativo do que o econômico, já que elas não bordam e pintam em busca simplesmente da renda, mas sim pelo gosto de desenvolver uma atividade que representa uma posição autônoma na unidade familiar, resultado de seu empenho e dedicação.

Na realidade, essas mulheres, por enfrentarem as dificuldades dos agricultores brasileiros, decidiram formar uma associação que fosse capaz de possibilitar às jovens alternativas de permanência no campo, que não se restringissem às atividades da lavoura. Durante nossas entrevistas, constatamos que as mulheres estão motivadas com as atividades desenvolvidas pela EMATER-MG, e persistentes na luta para a concretização da construção da panificadora e ansiosas para dar início às atividades. O anseio em desenvolver as atividades, produzindo merenda escolar de qualidade e acima de tudo, o reconhecimento de seu papel e autonomia social e

econômica. A concretização da panificadora para essas mulheres representa mais que a concretização de um objetivo da associação, representa o reconhecimento da luta da mulher rural em busca de autonomia e visibilidade. Significa romper com a visão subalterna e paternalista ocorrente no espaço rural, dando a mulher rural o reconhecimento do valor social e econômico do papel feminino.

Buscando uma conclusão

O bairro rural Matão teve a sua origem ligada a 12 famílias tradicionais, que se dedicavam a atividades agrícolas de subsistência, tais como milho, arroz, feijão, verduras, criação de galinhas e etc. Toda a produção era familiar, em que a mulher detinha para si a realização das tarefas domiciliares (limpeza da casa, cuidado com a horta e com os animais) e ajudava sempre que preciso na roça, ou desenvolvia atividades para complemento da renda como a venda de roscas, doces, compotas e etc.

Em 2014, o bairro contava com 70 famílias, sendo predominantes pequenas propriedades, com uma população representada por moradores mais antigos e uma pequena parcela de adultos e jovens. Os moradores mais antigos entrevistados afirmaram que pretendem continuar morando no bairro, por gostarem do contato com a natureza e pela relação com que possuem com o local, porém, acredita que futuramente, o bairro se tornará local para casas de veraneio, fato que já está em progresso. Adultos e jovens desenvolvem estudos e trabalho na área urbana de Alfenas.

A prática de agricultura familiar está mais vinculada a questões culturais do que econômicas, pois, através dos questionários ficou claro que a prática da agricultura familiar entre as mulheres membros da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais destina-se mais a subsistência ou a subsistência combinada com a comercialização que, no entanto, não é fixa. Toda a produção agrícola se limita ao cultivo de verduras, legumes, criação de aves e gado. Os demais alimentos são todos comprados na cidade.

A formação da Associação de Pequenas Produtoras e Mulheres Rurais representa a ação conjunta das mulheres na comunidade rural e a EMATER-MG, para capacitar jovens e adultas profissionalmente, gerando novas possibilidades

empregatícias, sem necessitarem trabalhar na área urbana, ou se mudar para tal em busca de trabalho.

O artesanato e a panificadora significam possibilidades de emprego e possível permanência das jovens no bairro. Porém, ainda não é algo concreto e não se observou uma participação significativa de jovens na associação. Em nossas entrevistas, constatamos que ex-moradoras do bairro, que residem na área urbana de Alfenas, continuam participando das reuniões e cursos apresentados pela EMATER-MG. Mesmo que o número de associadas tenha reduzido com o tempo, e certo distanciamento tenha ocorrido, as associadas ativas tem orgulho das atividades por elas desenvolvidas e estão persistentes para a conclusão dos seus objetivos, que atualmente condiz à concretização da construção da panificadora no bairro.

A iniciativa das mulheres na comunidade Matão, é um exemplo de luta feminina camponesa em prol da visibilidade e autonomia. Elas buscam, acima de tudo, uma forma de empoderamento que, apesar as dificuldades, poderão alterar a forma como ainda são enxergadas na unidade de produção familiar e na sociedade, de um modo geral. Se elas atingirão seus objetivos, só o tempo dirá, mas nunca poderemos duvidar da força da mulher camponesa.

Referências bibliográficas

BOMBARDI, Larissa Mies. **O Bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.

BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele dos. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista NERA**, n. 12: Presidente Prudente, 2008.

BRUMER, Anita. **Gênero e Agricultura**: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Rev. Estudos feministas*, Florianópolis, n. 12, 2004.

CARNEIRO, Maria José. Herança de gênero entre agricultores familiares. **Revista de Estudos Femininos**, vol.9, n. 1. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100003/8892>> Acesso em: 01 Jun. 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG)**, Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/>>. Acesso: 15 nov. 2014.

EMATER- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais. 2014. Disponível em: <<http://www.emater.mg.gov.br>>. Acesso: 14 nov. 2014.

HEREDIA, B. M. A; CINTRÃO. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural

brasileiro. **Revista NERA. A.9**, n.8. Presidente Prudente: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária- FCT/UNESP. Edição Janeiro/Junho de 2006.

MELO, Hildete Pereira; SABBATO, Alberto DI. *Gênero e trabalho rural 1993/2006*. In: BUTTO, Andrea (Org.). **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista**. Um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília: MDA, 2009.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto. 1991.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFENAS. **Plano Diretor Participativo: Leitura Comunitária**. Alfenas, 2006.

ROSSINI, R. E. O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnicada e capitalizada – São Paulo – Brasil, In: LEMOS, A.I.G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M.L. **América Latina: cidade, campo e turismo**, São Paulo, CLACSO, 2006, p. 225-241.

SILVA, Carmen.; PORTELA, Ana Paula. Divisão sexual do trabalho em áreas rurais no Nordeste Brasileiro. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R. **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e atores**. Recife: UFPE, 2006

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2011 (Coleção Tudo é História; 145).